



Território de criação étnico-religioso dos negros congadeiros de Uberlândia

Territory of ethno-religious creation of black congadeiros from Uberlândia

Territorio de creación étnico-religiosa de congadeiros negros de Uberlândia

Marli Graniel Kinn¹

Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG

RESUMO

Os negros de Uberlândia foram constantemente perseguidos pelas várias lógicas de reprodução da cidade. Pensamos os ternos de congada e o lugar de morada dos negros congadeiros, ou melhor, as transformações e a existência dos ternos como processo e o uso do espaço, das apropriações como conquistas humanas. Desse modo, o trabalho fundamenta-se na compreensão dos diferentes processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização dos negros congadeiros do município de Uberlândia, no processo de organização dos ternos a partir da ampliação do número de grupos de congada, nos anos de 1980. Essa compreensão objetiva em chegar a respostas que nos façam esclarecer os processos que contribuíram para a concretização dos ternos de congada como forma de viver e como nova territorialidade dos negros na cidade, sobretudo referenciadas nos direitos étnico-culturais e religiosos.

Palavras-chave: Territórios de direitos étnico-culturais; Modo de vida; Cotidiano; Des(re)territorialização; Ternos de congada.

ABSTRACT

The black of Uberlândia were constantly persecuted by the various logics of reproduction of the city. We think about congada suits and the place of residence of the black congadas, or rather, the transformations and the existence of suits as process and the use of space, appropriations as human conquests. Thus, the work is based on understanding the different processes of territorialization, deterritorialization and reterritorialization of black congadeiros in the municipality of Uberlândia, in the process of organizing the suits from the expansion of the number of congada groups in the 1980s. Objective understanding in reaching answers that make us clarify the processes that contributed to the implementation of congada terms as a way of living and as a new territoriality for blacks in the city, above all referenced in ethnic-cultural and religious rights.

Key words: Ethnic-cultural rights territories; Lifestyle; Daily; De(re)territorialization; Congada suits

¹Doutora e Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora efetiva do curso de Licenciatura em Geografia e Engenharia Agrônoma da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG - Unidade de Frutal. Como pesquisadora faz parte de projetos de pesquisa financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As pesquisas em desenvolvimento abordam as práticas humanas nos espaços rural e urbano. <https://orcid.org/0000-0002-6479-6541> Endereço eletrônico: marli.kinn@uemg.br



RESUMEN

Los negros de Uberlândia fueron constantemente perseguidos por las diversas lógicas de reproducción en la ciudad. Pensamos en los trajes de congada y el lugar de residencia de las congadas negras, o mejor dicho, las transformaciones y existencia de los trajes como proceso y el uso del espacio, de las apropiaciones como logros humanos. De esta manera, el trabajo se basa en la comprensión de los diferentes procesos de territorialización, desterritorialización y reterritorialización de los congadoiros negros en el municipio de Uberlândia, en el proceso de organización de los pleitos a partir de la expansión del número de grupos congada en la década de los ochenta. Este entendimiento apunta a llegar a respuestas que nos hagan esclarecer los procesos que contribuyeron a la implementación de los términos de la congada como forma de vida y como nueva territorialidad para los negros de la ciudad, sobre todo referenciados en derechos étnico-culturales y religiosos.

Palabras clave: Territorios de derechos étnico-culturales; Modo de vida; Diario; Des(re)territorialización; Trajes de congada

Introdução

Neste trabalho, consideramos que o homem social territorializa-se por meio de suas atividades cotidianas. Desse modo, o território se constitui em um lugar onde se estabelece a vida. Trata-se de processos que são condicionados e geram inúmeras territorialidades. No cotidiano, quando efetivamos as nossas relações, no âmbito do trabalho, da família, da igreja, dentre outras tramas sociais, vamos estabelecendo novas territorialidades.

Como no espaço convivem várias temporalidades e lógicas sociais, elas também se constituem no território em que se efetiva a vida, em suas várias dimensões. Cada pessoa ou grupo social, a partir de suas relações, vai estabelecendo num determinado espaço geográfico, seus territórios, principalmente a partir dos usos e das apropriações que elas conseguem estabelecer no vivido.

Como a cidade apresenta uma relativa linearização do tempo social, esse fato pode tanto complicar como favorecer a reelaboração mais aprofundada dos territórios no ambiente local, pois o tempo, especialmente a captura do tempo livre, para reprodução dos capitais investidos na cidade, pode suscitar a criação ou a (re) significação das práticas e representações sociais no urbano.

A formação de território, a partir das relações sociais e práticas sociais, devem ser entendidas como processo, e a questão da múltipla ocupação de espaços pelos negros, na cidade de Uberlândia, estado de Minas Gerais, terá que enfrentar a incompatibilidade de valores sociais, no interior dos próprios grupos de ternos, pois é preciso considerar as diferentes temporalidades sociais, os distanciamentos geográficos e os obstáculos infra

estruturais que a cidade impõe aos grupos sociais, principalmente em relação às suas manifestações e representações, no espaço urbano.

Isso tudo significa que a fragmentação dos conteúdos sociais da urbanização, os dilaceramentos das relações que compõem os quadros de vida, as práticas que se revelam, ao seu tempo, como fundamentais na vida dos negros, podem estar explicitadas nas diversas formas de organização dos congadeiros, na cidade, e na forte influência desses grupos na reivindicação dos seus direitos étnicos, culturais e religiosos.

Dessa reflexão surgem algumas dúvidas em relação à organização dos negros na cidade, pois a congada continua e, com ela, os usos e apropriações do espaço urbano. Portanto, a partir dos ternos da congada² é possível pensar em resistência às imposições do urbano? Em que medida, na configuração de novos territórios, se torna mais problemática a desvinculação dos grupos de ternos com o universo simbólico de origem ou o afastamento das pessoas dos eventos que as mobilizam em suas afirmações territoriais?

Partimos de uma compreensão do território que leva em consideração os prismas mais subjetivos, simbólicos, de um espaço no qual o homem estabelece um vínculo afetivo, constrói sua história e concretiza suas relações e fatos sociais.

Seguindo esse mesmo pensamento, entendemos que a desterritorialização significa o rompimento dessas condições que, conforme escreve Haesbaert (1995, p.181):

pode ser tanto simbólico, com a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material – político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticas de integração.

A reterritorialização, por sua vez, é a forma encontrada pelos grupos sociais para reconstruírem sua história, estabelecerem, novamente, as relações sociais, econômicas, políticas e efetivarem, no espaço, um modo de vida que eles (re) conquistaram, por meio de práticas e representações sociais.

² Na Congada de Uberlândia, o terno é uma organização sócio- espacial que materializa e oportuniza a organização e a manifestação dos congadeiros. As regras para a sucessão são claras e objetivas. No caso do posto de capitão, ele é passado do pai para o filho mais velho, se este pertencer ao terno, e é o grupo de congadeiros que realiza os seus rituais, práticas e representações sociais no espaço da cidade. Toda a congada é organizada a partir de uma ética tradicional, fundada na reciprocidade, na honra e na hierarquia. Neste sentido, deve sempre guardar respeito a quem orienta e ordena as manifestações do negro.



Diante dessas reflexões, a problemática deste trabalho fundamenta-se na compreensão dos diferentes processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização dos congadeiros, na cidade de Uberlândia. Trata-se de enfrentar essa situação pensando o processo de organização dos negros a partir da formação de ternos de congada, nos anos de 1980. Com essa preocupação, objetiva-se chegar a repostas que nos façam esclarecer os processos que contribuíram para a concretização dos ternos na cidade, como uma nova territorialidade desses grupos sociais.

Considerando-se que os negros de Uberlândia foram, constantemente, perseguidos pelas várias lógicas de reprodução da cidade, sobretudo a da especulação imobiliária, este trabalho fundamenta-se na compreensão dos diferentes processos de des(re)territorialização dos congadeiros na cidade.

O lado humano do território é uma construção, histórica, cultural e espacial. Pensamos os ternos, ou melhor, as transformações e a existência dos ternos como processo que resulta em uso do espaço, como apropriações e, portanto, como conquistas humanas. O importante é assinalar que os ternos, bem como os seus territórios são relativos e relacionais.

Desse modo, é importante considerar o histórico da formação dos territórios da congada e compreender que a vida e o modo de vida dos negros, como construção histórica dos congadeiros, não têm mais a textura fina que reproduzia a sua sumária condição socioeconômica. É nesse sentido que os ternos, mesmo transformados e (re)elaborados, passam a expressar territórios dentro da cidade e, para isso, parecem desenvolver uma complexa trama de relações sociais, cuja inspiração e orientação é de fundo religioso.

Como se trata de processo, as territorialidades se manifestam como forma encontrada pelo grupo de revigorar sua história, de estabelecer novamente as relações sociais, econômicas, políticas e efetiva no espaço em que os grupos existem e nos quais que necessitam (re) conquistar seus territórios.

No debate teórico, ao desmistificar a desterritorialização e o “fim dos territórios”, HAESBAERT (2006) coloca em evidência o mito da desterritorialização. Para esse autor, esta é uma fantasia dos que imaginam que o homem pode viver sem território, que a sociedade pode existir sem territorialidade, como se o movimento de destruição de territórios não fosse sempre, de algum modo, sua reconstrução territorial em novas bases.

No caso dos ternos de congadas é possível perceber, no processo de crescimento da cidade, uma lógica desterritorializante e retorializante, em relação ao contexto da urbanização, repleta de paradoxos e expressa em aspectos como: rompimento das proximidades das pessoas e das vizinhanças, da vida associada às raízes ou atributos essenciais de grupos sociais locais, categorias sociais ou identidades culturais e das pretensões políticas decorrentes das manifestações culturais; rompimento da identidade, em questões chave na ocupação do espaço e das representações; introdução de valores e parâmetros, cuja primazia da ação local, efetivada por uma pluralidade de sujeitos em parceria, cria várias aproximações, no âmbito da cidade.

Na perspectiva da formação de novos territórios, no urbano, tem-se o desafio do individualismo posto pela vida moderna, na cidade. Embora muito se escreva sobre a decadência ou a retração do homem público, no contexto contemporâneo, podemos insistir sobre as humanidades, na análise do território. Não se trata, especificamente, da cultura tradicional – centrada no histórico dos grupos de congada - e de interesses pessoais - centrados nos mecanismos de representação desses grupos, no espaço. Trata-se da dimensão da identidade, das práticas sociais e das representações no território.

A perda da referência espacial e os deslocamentos colocados pela vida moderna e pela especulação imobiliária exigem, dos grupos, um esforço de aproximações e reconstrução de seus territórios. Reivindicar uma origem indiferenciada e imemorial, ou uma visão naturalizada e, portanto, determinada pelo nascimento, pela condição biológica ou pelo pioneirismo não é suficiente ou mesmo possível para assegurar sua continuidade/reprodução, no espaço da cidade. Os lugares da congada, estabelecidos na cidade, vão sendo territorializados a partir das relações sociais, e são construções tanto no sentido histórico como no sentido da ação estratégica dos negros.

Os territórios parecem ser resultados de uma série de operações que fazem submergir conflitos, acordos tácitos que envolvem o coletivo, as representações sociais e as práticas culturais. Contudo, é preciso considerar os processos de formação dos territórios. Na cidade de Uberlândia, considerar os contextos é importante, pois os territórios não se definem de modo autárquico, sem referência, com um antagonismo em face de um urbano que se impõe,



e sem os acordos coletivos e individuais. Desse modo, entendemos que a congada se (re)territorializa na perspectiva das suas demandas e valores socioculturais, bem como de outras manifestações e representações dos grupos de congada, na cidade.

As negociações implicam alguns entendimentos que podem ir além dos embates, disputas e conflitos. Na perspectiva da congada, podemos entender que os grupos de ternos podem estabelecer os seus territórios no espaço urbano, representados por seus patrimônios materiais e imateriais, por meio dos quais eles mesmos se mostram, para a cidade, como um grupo social, cultural e territorialmente constituído.

Como ela, a congada, aparece na cidade como resultado das práticas sociais, também está representada, nela, a ideologia, a cultura, a religião, as instituições, as organizações dos grupos e o próprio processo de des(re)territorialização dos negros, na cidade.

Articulados à cidade por meio das relações sociais, eles estabelecem uma trama social que inclui, na formação de territórios, diferentes temporalidades e lógicas sociais, tudo representando o resultado das forças ativas de seus membros, devendo, para o desenvolvimento de qualquer prática social e, principalmente, da congada, ser considerados como sujeitos constituídos historicamente e conscientes dos patrimônios culturais que eles detêm, na cidade.

Mas isso implica a compreensão dos processos que se manifestam estabelecendo, na cidade, argumentações, mobilizações e compromissos das pessoas em continuarem ocupando o espaço e definindo os seus territórios a partir dos seus patrimônios culturais. Desse modo, entendemos que outra característica do território é o envolvimento dos grupos em tramas sociais que indicam esforços na manutenção dos valores socioculturais, o que envolve novos desafios políticos ao grupo.

1. As representações da congada sobre o território

Entendemos que o peso do território, as assimetrias entre sujeitos e suas instituições, no local em que se encontram os ternos impõem uma organização interna, que cada grupo coloca ao desafio da negociação implícita na manutenção dos territórios definidos pelas suas práticas socioculturais e também dispõem dessa organização.

As práticas de cada grupo parecem incluir e promover saídas para o problema do desafio do pluralismo cultural, religioso e étnico que a congada envolve, como patrimônio dos negros de Uberlândia. Os cenários das suas manifestações não remetem a um sistema centrado e administrado a partir de um único conjunto de critérios, não comportam somente hierarquias familiares imbuídas de pretensões autonomistas, nem assumem o custo da heterogeneização das diferenças. O desafio, então, que tem estado entre os maiores dilemas e contradições dos congadeiros, é o de que o regime de repartição dos espaços socialmente necessários e relevantes, para os diferentes grupos que reivindicam direitos de ocupar e usar os espaços da cidade para continuar praticando os seus rituais e afirmações de valores étnico-culturais e religiosos, implica o direito de usar e continuar usando os espaços da cidade considerados importantes para o grupo nela existir.

Mas não se trata de justiça formal, de direito constitucional ou reconhecimento perante a justiça promovida pelo Estado. Em verdade, é necessário entender os territórios dos negros congadeiros como manifestações decorrentes da aceleração e fragmentação da urbanização, no decorrer do século XX. Esse fenômeno, na cidade de Uberlândia, fez com que passássemos a compreender a congada como algo vivo, composto por edificações e por pessoas, incorporando paisagens do passado que foram entendidas como partes integrantes da dinâmica urbana. A congada, como patrimônio dos negros, tem, então, uma concreticidade urbana e tornou-se um nível específico da prática social, manifestada e percebida como paisagens, arquiteturas, estéticas e formas de sociabilidade, cuja ocorrência acontece nas praças e ruas, tornando o espaço urbano um mosaico de formas e conteúdos sobrepostos, que expressam tempos e modos diferenciados de viver o urbano como um espaço que se processa a partir de seus sujeitos, relações e instituições, formado por conjuntos de lugares não homogêneos, mas articulados.

Também se constatou, nesse movimento, outra possibilidade social da congada e a relação com a formação de territórios que centram seu interesse no homem. Trata-se de pensar a sua existência, e assim buscar contemplar os grupos de congadeiros, seus territórios e todos os campos nos quais se expressa a atividade humana. Tal compreensão tem-nos levado à valorização dos aspectos nos quais se plasma o modo de vida do congadeiro. As relações



sociais, os ritos, as cerimônias, os comportamentos coletivos, os sistemas de valores e crenças são vistos como referências dos modos de vida desses grupos humanos.

Desse modo, a relação da congada com a formação de novos territórios passa a ser vista como manifestação de modos de vida estabelecidos no próprio processo de fixação das práticas sociais, no espaço da cidade. Quanto à dimensão simbólica que envolve a produção e a reprodução da congada, ela pode ser considerada como patrimônio cultural dos negros.

Compreendemos que a congada vai-se expressando nos modos de usos e apropriações dos espaços da cidade. Por tudo isso, consideramos que as relações sociais foram-se incorporando à cidade e definindo os territórios, a partir dos usos e apropriações que se expressam e se traduzem nas práticas e representações sociais. Nesse sentido, os territórios também têm que ser entendidos como processos que estão ocorrendo, em face da constatação de que os signos das identidades do congadeiro não podem ser definidos tendo como referência apenas a propriedade privada de porções do espaço, assim como a religiosidade de matriz africana não pode ser vista como menor, diante da religiosidade católica.

Isso implica várias possibilidades de análise, mas, sobretudo parece ter criado ou produzido uma tolerância ativa das diferenças socioculturais e econômicas, no contexto das suas manifestações e da sociedade uberlandense, da tradição local, ou seja, assumindo-se que nunca será possível tolerar todas as diferenças, nem impedir que o intolerável reapareça.

A tolerância urbana não pode, neste contexto, significar um conagraçamento geral, uma nova forma de comunidade plena, mas um espaço de emergência de demandas que não somente expressam injustiças passadas, mas a formação de territórios sobre a qual se assenta uma nova ordem social, recheada de possibilidades que estão sendo capturadas, também, pelos grupos sociais menos favorecidos, social e economicamente, na cidade.

Essa discussão a respeito de território surge como uma nova leitura, que procura rever a categoria de análise tendo como referência a renovação experimentada pela Geografia, ao longo dos anos de 1990 e princípio do século XXI. Essa renovação viabiliza várias incorporações teóricas, permitindo a Geografia ultrapassar as abordagens focadas tão somente nos aspectos materiais do espaço, de um lado, e, de outro, na diversificação das abordagens do humano, associadas ao pluralismo e à velocidade com que se processam as mudanças econômicas, políticas e culturais, na contemporaneidade dos seus processos.

Nessas condições, não há como refutar a formação de territórios na cidade, a partir das práticas e representações sociais dos negros congadeiros. Antes dos anos de 1980, os ternos se localizavam em áreas contínuas e insalubres da cidade. Eram lugares desprezados, não entravam na especulação imobiliária, portanto não se tornavam lugares de negócio. Agora isso tudo se transforma; além de os espaços serem valorizados, o solo urbano onde se localizavam os antigos ternos torna-se parte da especulação imobiliária, situados nas novas centralidades. Observamos, contudo, que isto não suprime resistências; é importante considerar que os grupos de congadas viabilizam as suas manifestações, ao mesmo tempo em que reproduzem suas resistências. O que pode ser especificidade de um terno, num movimento de crescimento da cidade? Continuaria acentuando o seu atributo de lugar de resistência? Tudo converge para redefinições e (re)significações, porque, neste momento, a identidade, historicamente construída por seus moradores, tende a ser consumida nas novas funções da cidade, principalmente com a chegada da infraestrutura urbana, em seus territórios de origem.

Isto tudo coloca outros contornos, pois como os negros tendem a resistir às imposições do urbano, e na medida em que se configuram novas imposições sócio espaciais de permanência, nos lugares tradicionalmente ocupados pelos ternos torna-se mais problemática a desvinculação deles com o universo simbólico de origem ou o afastamento desses grupos humanos dos eventos que os mobilizam, em suas afirmações territoriais. Seria o fim dos territórios da congada?

Nos termos desse questionamento, a configuração de territórios dos negros, na cidade, expressa a totalidade da formação social, no seu movimento de reprodução. E a superação formal de territórios de domínio, com seus ternos, pode estar indicando uma fragmentação dos conteúdos sociais da urbanização, com os dilaceramentos das relações que compõem o conjunto da vida, os quais se foram reconstituindo na periferia da cidade, mas fiéis em relação aos seus fundamentos étnico-culturais e religiosos.

É preciso considerar o movimento da modernidade e as implicações no humano, bem como as capacidades dos negros congadeiros de continuarem envolvidos na formação de novos territórios, pois se considera a possibilidade de os rituais terem sofrido redefinições,



ressignificações em relação ao que se tinha antes dos anos de 1980. Mas o que se tinha, nessa década? Considerando-se os depoimentos dos congadeiros, as representações dos conteúdos da congada aconteciam sob sumárias condições sócio- espaciais, no interior da cidade. Nesse contexto, o terno como parte do espaço do vivido, integravam as tramas sociais entre os grupos, as quais aconteciam e se desdobravam em relações sociais envolvendo o grupo em lugares tradicionalmente identificados com a congada.

É neste contexto que procuramos entender que a sociedade produz um imaginário, como condição fundamental para seu desenvolvimento. O imaginário, no âmbito dos ternos de congada parece se revelar sob uma base cultural que, obviamente, mantém seus rituais, cerimônias e objetos culturais. Desse modo, entendemos que a fragmentação do urbano revela implicações nos conteúdos sociais e nas práticas dos congadeiros e parece corresponder a uma vontade de conhecer e de viver o mundo a partir e por meio dos seus conteúdos étnicos e religiosos; isto porque tudo aquilo que foi construído pode estar sendo reconstruído e reunido nos novos territórios, no plano do vivido, na prática social dos congadeiros.

Embora tenhamos uma concepção do vivido como “... um âmbito que integra as abstrações” (SEABRA, 2004), pode ser compreendido também como um elemento importante no processo de construção das práticas sociais. No caso da congada, os territórios podem ser percebidos pelas suas representações sociais. Elas envolvem conjuntos de valores e padrões simbólicos que guiam as atitudes dos congadeiros, que podem ser detectados e compreendidos a partir da análise dos processos de formação de territórios.

Essa materialidade é importante para a análise, pois quando examinamos as práticas sociais, podemos entender a existência dos ternos localmente e os seus entornos, abrangendo vários bairros. Mesmo assim, a realidade local não é suficiente para entendermos a formação dos territórios, pois é preciso considerar os processos que produziram as condições sociais para os usos e as apropriações do espaço. Sendo assim, os qualitativos e adjetivos de um terno de congada fazem parte deste vivido; o mundo dos atributos e das nomeações desses espaços pode representar e constituir territórios dos congadeiros na cidade.

Nessa perspectiva, é preciso considerar as representações sociais e o conteúdo que elas ilustram, ou seja, de um grupo social que, em um determinado momento, perdeu sua espacialidade e, no processo de fragmentação do espaço urbano, vive a dispersão dos seus

membros, mas parece se reconstituir naquilo que restou das suas práticas e representações, no espaço e no tempo da cidade.

Os ternos de congadas se estabelecem na cidade e acabam promovendo, a partir de um longo processo histórico de luta por direitos à cidade, usos e apropriações do espaço urbano, questionando e, em certos aspectos, rompendo com as relações sociais de domínio e controle dos lugares. Nesses lugares, geralmente ruas, praças, bairros e o próprio quintal dos ternos, incluem-se também as representações, estabelecendo um caráter concreto, material, simbólico e relacional entre grupos de congadas.

Resumidamente, o território pode ser interpretado e compreendido como um espaço apropriado, usado e representado por práticas sociais nas quais não está apenas envolvido o trabalho; ele revela relações sociais cotidianas que se expressam como formas de defesa do direito de organizar os territórios no urbano. Entendemos que não há território sem essas relações. Ele é invenção e resultado de relações sociais que envolvem pessoas, isto é, de relações diárias, ligadas às dinâmicas políticas, econômicas e culturais que se parecem constituir em redes familiares, religiosas e étnicas.

Incontestável é o caráter das representações sociais, pois estão relacionadas aos significados de um movimento étnico e religioso que se formou e se expande, no espaço da cidade de Uberlândia. Ele cria, também, a possibilidade de ser analisado concomitantemente à questão das territorialidades, como tramas sociais entre diferentes. As práticas humanas e das subjetividades daí decorrentes também implica nos reportarmos ao estudo das especificidades contidas nas representações sociais dos negros na cidade.

O que seria uma abordagem geográfica das representações sociais, para enfrentarmos os processos de constituição de territórios na cidade? Entendemos que seria uma manifestação decorrente de práticas sociais que pressupõem atividades humanas as quais criam, nas pessoas, a possibilidade efetiva de reconstituir os seus territórios e, no caso em estudo, dos negros na cidade. Há indícios, principalmente se considerarmos o modo de vida dos congadeiros, de que, no espaço urbano da cidade de Uberlândia, existem várias articulações coerentemente traçadas, resultantes de uma postura múltipla dos negros, frente ao território e



à territorialidade de outros grupos sociais, pois compreendemos que as dimensões sociais dos territórios ocorrem simultaneamente.

É preciso atenção para a natureza do espaço. Nossa reflexão tem relação com as práticas humanas, com a etnicidade, com o religioso, como elementos identitários na constituição de territorialidades humanas. Essa situação assinala, para essa questão, o uso e a apropriação, enfatizando a transformação dos espaços como instrumentos de inclusão e defesa dos grupos de congadeiros. Trata-se de territórios demarcados e constituídos por significações subjetivas, socialmente construídas e específicas de um determinado lugar. Mas, sendo resultado de práticas sociais, é preciso considerar, ainda, que se trata de uma territorialidade que pressupõe representações do mundo, elaboradas e partilhadas socialmente.

Na perspectiva do território, é preciso considerar que as representações sociais emergem dessa conexão entre sujeitos sociais e espaços sociais. A qualificação dessas relações sociais, como práticas, como experiências e como habilidades humanas, refere-se a contextos de relações sociais a partir dos quais toda a experiência é manifestada, organizada, socializada e territorializada. Desse modo, consideramos que as representações são decorrentes das condições em que elas emergem do vivido e se constituem em formas de afirmações territoriais de grupos sociais.

As territorialidades podem ser pensadas a partir do vivido dos homens. Essa afirmação existencial, na perspectiva do território, não pode ser operada, pensada e interpretada somente como objetiva e racional. As próprias representações sociais do território estão relacionadas com a vida na cidade e é também uma (re) construção, (re) significação e, por consequência, uma representação espacial do território, específica e particular de um grupo social.

Politicamente, a territorialidade pode ser entendida como uma estratégia de dominação. No caso da congada, parece-nos algo que não está relacionado a alguma autoridade que controla atividades, recursos e indivíduos. Esse tipo de situação indica que o território pode ser compreendido a partir das forças que os grupos de ternos reúnem, na dinâmica dos usos e apropriações do espaço urbano. Forças que aparecem no interior dos ternos que de certa forma, se opõem às imposições da propriedade privada e que agem condicionando a vida cotidiana.

A territorialidade parece expressar uma forma de se opor ao exercício do poder relativo a certas áreas da cidade. Porém, para os congadeiros, nem toda área urbana pode ser convertida em território. Entendemos que esses territórios derivam de estratégias de usos e apropriações, num espaço em que eles têm interesse, para exercitar suas habilidades, realizar suas manifestações, especialmente amparados pelo religioso, que condiciona comportamentos.

2. Territórios, cotidianidade e modo de vida

Considerando que a abordagem geográfica que fazemos da congada rejeita a ideia de um mundo sucinto, sem adjacências e depósito de significados, a nossa proposta abarca, em seu âmbito, os laços étnicos, de afetividade, que juntam as pessoas aos ternos de congada e possibilita analisar as relações dos congadeiros com o grupo social.

Desse modo, entendemos que há um processo de valorização do espaço urbano em que os congadeiros se reúnem para permanecerem usuários da cidade. Nos ternos, aos congadeiros não basta serem moradores, há que serem sujeitos que usam o espaço urbano, que delimitam territórios. Por intermédio das suas práticas, os territórios aparecem implícitos nas relações sociais que somente são reconhecidas na cidade quando se territorializam e permitem alguma apropriação.

Tal apropriação encontra, na prática cotidiana, o seu suporte social, o qual permite a apreensão das essências urbanas, pela experiência vivida, aplicada e adquirida. Compreendemos que esses territórios do urbano são inscrições espaciais com limites flexíveis, visíveis e negociáveis, no conjunto dos ternos. Trata-se de territórios que surgem na cidade quando se consideram as relações sociais estabelecidas no mundo vivido.

Suas manifestações formam aquilo que se pode identificar como uma representação, que são as manifestações dos direitos étnicos, marcadas por singulares experiências de viver o processo urbano. Também parecem indicar enraizamentos de valores e sentimentos.

Assim sendo, a espacialidade específica dos ternos de congadas manifestada e representada por reações à segregação sócio espacial imposta pelo crescimento da cidade, os



atingem, no espaço urbano, com graus variados de complexidade. Em verdade, ela vai assimilando e, conseqüentemente, incorporando os valores étnicos dos congadeiros, contribuindo para a formação da identidade dos lugares e territórios.

Como ela ocorre envolta da vida urbana torna-se mais clara, se examinada a partir da vida cotidiana. Nesse sentido, a identidade envolve percepção. No cotidiano ela ocupa espaços e tempos apropriados ao modo de vida dos negros congadeiros. Apresentam-se carregada de significados, reminiscência, resíduos e práticas sociais. Na cidade, os territórios da congada existem mesmo que as separações ou o grau de exclusão que comportam criem desigualdades.

Em uma perspectiva metodológica, entendemos que uma contextualização se faz necessária para que uma exposição não se generalize ou se perca no vago. O primeiro passo diz respeito às condições originárias da congada que, no território, se especificam. Nele podem ainda persistir tradições, hábitos e costumes, acostamento e repertório de valores do povo e de onde pode ser recolhido saberes, habilidades que podem indicar oposição.

A partir do estudo do território, dos usos estabelecemos conexões entre as práticas que contribuem para o entendimento dos ternos, os encaminhamentos fundamentais e inerentes à formação dos territórios que se constituem no espaço urbano, como eles se constituem no cotidiano e a sua correspondência com os elementos do modo de vida dos negros congadeiros na cidade.

Como se trata de lugares que resultam do processo social da modernidade (reprodução capitalista da sociedade), implicados na mudança das formas de uso do espaço, em suas relações com a cidade, o cotidiano e o modo de vida permite aprofundar a temática da segregação sócio espacial, chegando à formação dos territórios da congada, no espaço urbano.

Ao propor uma abordagem da formação de territórios da congada, a partir dos usos do espaço urbano, analisamos as ações, as percepções, e decodificar as simbologias que transformam os espaços da cidade em territórios. Nesse propósito, o território expressado a partir do cotidiano, do modo de vida, torna-se uma referência, onde as experiências e vivências do território e a afetividade em relação aos ternos desempenham um papel



fundamental na construção e identidade de uma nova paisagem urbana. Nessa perspectiva, segundo Seabra (2004, p.185):

pode-se dizer que, de um ponto de vista estritamente teórico, o território articula o particular ao geral ou o local ao global e que, revelando o modo de vida, eleva o cotidiano, enquanto expressão da vida cotidiana na modernidade, à teoria e ao conceito. No cotidiano urbano realizam-se todas as abstrações. Inclusive, o processo de valorização do espaço, enquanto abstração da forma mercadoria realiza-se como abstração concreta, delimitando territórios.

Considerações de cunho materialista referenciam, nesse contexto, o território e suas concepções, sendo que as proposições também indicam deslocamentos e adaptação ao meio. Reconhecemos, nos negros, a mobilidade como um atributo a sua essência, uma vez que estes dominam as técnicas que asseguram e se fazem necessárias a sua adaptação e às imposições ao espaço urbano. Desse modo, a experiência atribui um território importante aos fatos de cultura, porque a vincula aos ambientes de aproveitamento do lugar e àqueles estabelecidos para facilitar deslocamentos.

A transformação da moradia em lugar de manifestação chega a expor com intensidade amplas possibilidades à reprodução da vida. Nesse contexto, entendemos que as ideias a respeito do território devem incluir os seres humanos, não somente com relação aos laços de afetividade que os unem ao lugar, mas também desde os aspectos mais banais do dia-a-dia. O cotidiano passa a ser uma referência de valores e sentimentos, lembra o lugar, as experiências e aspirações dos seres humanos, sendo assim fundamental para a sua identidade.

Como consideramos o cotidiano, chegamos à noção de territórios de uso, fruto de lutas e posicionamentos políticos, concebidos e administrados como espaços inclusivos; agora, muito mais democráticos do que em outros momentos da história dos negros, na cidade de Uberlândia, em grande parte marcada pela segregação sócio espacial. Ao realizarem os usos do espaço urbano, parecem perceber que o vivido e o modo de vida são momentos inerentes ao processo de reprodução social.



Considerações finais

Compreendemos o espaço como um conjunto de objetos e um conjunto de ações ou, no dizer de Santos (1997, p.31), “o espaço reúne a materialidade e a vida que as anima”. O território é, então, uma construção social erigida a partir de manifestações e domínios no/do espaço. São essas manifestações e esses domínios que têm sido passíveis de interpretações variadas.

O espaço não pode ser dissociado de outra categoria de análise: o tempo. A assertiva de SANTOS (1987), de que o espaço pode ser entendido como sendo a “acumulação desigual dos tempos”, muito bem delimita a amplitude conceitual de espaço, uma vez que sua construção é resultado de interações sociais e históricas dos grupos que nele habitaram ou, de alguma outra forma, interferiram, criando nele territórios, lugares, redes e, visivelmente, modificando paisagens.

Neste sentido, em relação ao espaço construído, é necessário levar em consideração as heranças sociais, residuais que potencializam a vida dos negros congadeiros na cidade. Esse caráter fundamental dos congadeiros, organizados em ternos destaca as características de um modo de vida específico na cidade. Seguramente, resultante de articulações políticas, desdobradas e materializadas nos lugares, como criações de sujeitos que moldaram os seus territórios em função de necessidades e interesses pontuais no urbano. Podemos observar tal argumento, na reflexão de HARVEY (1982), a respeito dos conflitos relacionados à produção e uso dos ambientes construídos pela sociedade.

a sociedade capitalista precisa, por necessidade, criar uma paisagem física – uma massa de recursos físicos construídos pelo homem à sua própria imagem, apropriada, em linhas gerais, às finalidades da produção e do consumo. [...] esse processo de criação do espaço é cheio de contradições e tensões e que as relações de classes nas sociedades capitalistas geram, inevitavelmente, fortes conflitos [...]. (HARVEY, 1982, p.61).

Pensar a formação de territórios e as transformações do espaço, desta forma, demonstra uma conceituação que possui um caráter extremamente abrangente, pois consegue englobar amplas formas e conteúdos aos modos de vida tradicionais, por meio dos tempos. Neste momento, os grupos sociais tradicionais de congadeiros convivem, na cidade, com

várias imposições, e tornaram-se uma expressiva mão-de-obra desqualificada para o trabalho, que só encontra ocupação em atividades de baixa renda e pouco prestígio. Tal situação pode ter determinado, ainda, a reordenação de valores e papéis sociais no interior dos grupos de ternos e, conseqüentemente, novas estratégias, que lhes permitissem viver em seus territórios.

Os territórios existentes são construções que envolvem, além das famílias, também os grupos sociais, que se organizavam em redes, e destas eram traçadas as estratégias para usar os espaços. Neste processo, a vida cotidiana, na comunidade dos congadeiros, permitiu-lhes criar territórios e redes familiares, a partir das práticas sociais.

há um processo de valorização do espaço, implícito nas relações sociais o qual, necessariamente, tem que se territorializar para permitir alguma apropriação. Assim sendo, a espacialidade específica do capitalismo, discutida e interrogada por volta das questões de segregação socioespacial (década de 1970), ganhou graus de complexidade, mas torna-se mais clara, se examinada a partir da vida cotidiana, porque o cotidiano não pode passar sem espaços e tempos apropriados (territórios do uso), sejam quais forem as separações ou, o grau de exclusão que comporta. São os fundamentos desiguais desta sociedade que explicam a sua própria espacialidade (SEABRA, 2004, p.186).

No caso dos grupos congadeiros, as dificuldades econômicas, as quais são históricas e fazem parte da vida dos grupos tradicionais de terno, de Uberlândia, se apresentam quando estes não conseguem construir e reproduzir-se, tornando compreensível a venda das suas moradias e, nesse processo, se concretizaram des(re)territorializações, a partir de imposições que dificultam ou mesmo impedem os usos que as pessoas faziam desses espaços.

Comprendemos, com isso, transcender os limites econômicos e quantitativos utilizados na Geografia, por entendermos que as relações espaciais são um contexto também subjetivo, faces de uma mesma moeda que se contemplam no espaço, enquanto reprodutor do lócus das relações sociais, e também o espaço do não quantificável, das ideias e subjetividades, dos valores de uma época.



Referências

- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa (org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R.; LIMONADE, Ester. **O território em tempos de globalização**. Geo/UERJ. Revista do Departamento de Geografia. N.1 Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- HAESBAERT, Rogério, MOREIRA, Ruy (orgs). **Brasil século XXI por uma nova regionalização? Processos, escalas, agentes**. São Paulo: MAX Limonad, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da geografia regional**. XXII Encontro Estadual de Geografia. AGB Porto Alegre, maio de 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede 'gaúcha' no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.
- HARVEY, D. **O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas**. Espaço e Debates, São Paulo, n. 6, p. 6-35, 1982.
- HARVEY, D. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 1993.
- HARVEY, D. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel. 1987.
- SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Territórios do Uso: Cotidiano e Modo de Vida**. Cidades. v.1, n.2, 2004, p.181-206
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: apontamentos para estudo do bairro e da memória urbana**. Cidades. v.2, n.2, 2004, p.78-96.



Dossiê



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 03 de novembro de 2021.
Artigo aprovado para publicação em: 28 de novembro de 2021.